

A beleza pode “educar”?
Na companhia de Sophia de Mello Breyner Andresen

Revista *Laços*, Ano XXXVI - 2024 – Nr 2, pp. 8-9.

ISSN 0874-811X

Há uns anos fui convidada a participar num encontro organizado num Centro Cultural de Roma, onde tomavam parte muitos professores, uns quantos escritores e poetas, um grupo de estudantes e algum público diverso. O tema era “Educar para a Beleza” - pareceu-me uma proposta audaciosa, a contra-corrente dos nossos tempos. Culturalmente pode dizer-se que a beleza perdeu credibilidade. Ou talvez se deva dizer, antes, perdeu dimensão, profundidade, capacidade de provocação, valor “vertical”. Tornou-se uni-dimensional, sobretudo sentimental – embora esteja em todo o lado. É uma espécie de obsessão “horizontal”: damos valor à beleza física, à moda, aos carros e às casas, às viagens, até à “cultura”, mas somos como turistas de máquina fotográfica na mão, captando uma exterioridade sem nos deixarmos cativar pela sugestão do que vemos. Perdemos a capacidade de resposta à solicitação última que a beleza das coisas nos faz. A própria arte – salvo honrosas exceções – deixou de acreditar neste seu antigo “poder” de *re-apresentar* o “belo” e, ainda menos, de o relacionar com o “bem”.

No fundo o que se perdeu pelo caminho (ou, pelo menos, aquilo que se obscureceu) foi a confiança na capacidade de “conhecer”, bem como a fé na possibilidade de que a beleza possa ser, de algum modo, forma de acesso a um tipo de conhecimento mais profundo, porventura transcendente. Por entre mil tendências de cunho relativista, já não se acredita ser possível atingir certezas razoáveis naqueles âmbitos da existência que não estão sujeitos ao método empírico-científico, ao pensamento matemático ou ao raciocínio silogístico.

A beleza como fascínio não morreu nem poderá morrer. Faz parte da natureza do coração estremecer diante do que é belo. O problema estará no modo como se interroga esse estremecimento, como ele é lido, como lhe são dados, ou não, “ouvidos”. Na minha história pessoal posso identificar com clareza o primeiro apelo – ainda inconsciente – da beleza de um modo concretíssimo. De tal modo concreto que, ainda criança, “decidi” em que escola queria estudar, o Instituto de Odivelas – e “convenci” os meus pais da importância da minha “decisão” – porque era uma escola semelhante àquela que encontrara nos livros que lia e que na época me apaixonavam, como os da Condessa de Ségur e os de Enid Blyton. As aventuras narradas por estas autoras, em particular no

segundo caso, em que a acção se centrava frequentemente na (aos meus olhos interessantíssima) vida de duas irmãs gémeas que estudavam num colégio interno, fez-me suplicar à minha mãe que me levasse a conhecer uma escola semelhante, que tinha sido um antigo mosteiro. A sua beleza e o seu fascínio “antigos”, bem como a ordem e harmonia que aí se impunham, nos seus claustros silenciosos e nos corredores imaculadamente encerados, impressionaram-nos decisivamente às duas, de tal forma que, embora os meus pais não tivessem pensado deixar-me entrar num colégio interno, aceitaram a minha “proposta”.

Tornou-se claro para mim, mais tarde, que a beleza começou por falar-me *directamente*, co-movendo-me, fazendo-me tomar decisões concretas. Uma certa simplicidade, infantil, fez-me pôr em acção um mecanismo natural: o estabelecimento imediato entre o que via (ou lia) e a realidade, a *minha* realidade concreta e pessoal. Depois, com o passar do tempo, fui experimentando as várias posições possíveis diante da beleza, embora sem nunca ter chegado a renunciar a ela – coisa que podia talvez ter acontecido. Mas se isso não aconteceu foi, em grande medida, por ter tido professores e mestres que foram mantendo viva em mim a consciência de que entre a promessa que a beleza faz e o desejo do coração há uma correspondência possível.

Uma grande escritora portuguesa, tradutora de textos tão importantes como *O Anúncio a Maria*, de Paul Claudel, e *O Purgatório*, de Dante, teve, para mim, a importância de uma verdadeira mestra: Sophia de Mello Breyner Andresen. Num primeiro momento senti a sua influência através dos seus contos (ditos) “infantis”, que são, aliás, fascinantes narrativas para adultos. Neles descobri um olhar sobre a realidade que fazia vir à superfície a sua dimensão misteriosa. Através da leitura dos seus livros, o desejo de grandeza (que me inquietava, dentro da inconsciência própria da infância) era confirmado, garantido, através do seu modo de descrever o fascínio da existência como qualquer coisa de concreto, palpável, dentro da aparente banalidade de um quotidiano que, deste modo, se tornava aventura permanente. Os contos de Sophia, tantas vezes inspirados no seu amor ao mar, à praia, à natureza, ao mistério do humano, não levam as crianças – certamente não me levavam a mim – a um desejo de alienação do real. A sua fantasia não é instrumento de evasão, mas antes possibilidade fascinante para aprender a olhar a vida com mais atenção, em busca dos sinais dessa maravilha escondida que Sophia parecia entrever em tudo. Uma natureza encantada emergia das suas palavras límpidas e brilhantes, que descreviam factos concretos e reais, carregados de uma promessa positiva.

O início de um dos seus contos, *O rapaz de bronze*, pode constituir um de mil exemplos de como um simples jardim se pode revestir de um sentido de dignidade, de maravilha e de misteriosa profundidade, que desperta no leitor um sentimento de espera ansiosa e feliz:

Era uma vez um jardim maravilhoso, cheio de grandes tílias, bétulas, carvalhos, magnólias e plátanos. Havia nele roseirais, jardins de buxo e pomares. [...] Ora num dos jardins de buxo havia um canteiro com gladiolos. Os gladiolos são flores muito mundanas. E aqueles gladiolos achavam que o lugar mais chique do jardim era esse jardim de buxo onde eles moravam.

Mas foi só mais tarde, quando descobri a sua poesia, que percebi o porquê deste seu modo de falar da realidade, e portanto a razão pela qual posso afirmar que esta autora me educou ao valor existencial da beleza.

Uma das passagens mais famosas da sua arte poética revela muito desta espantosa artista:

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria. Mais tarde a obra de outros artistas veio confirmar a objectividade do meu próprio olhar. Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor da presença das coisas. E também a reconheci, intensa, atenta e acesa na pintura de Amadeu de Sousa Cardoso. Dizer que a obra de arte faz parte da cultura é uma coisa um pouco escolar e artificial. A obra de arte faz parte do real e é destino, realização, salvação e vida.

Para Sophia este encontro com a presença da maçã vermelha, esta evidência do *esplendor da presença do real*, foi o acontecimento que a fez intuir a sua vocação artística. Aqui reside também o aspecto essencial de uma verdadeira educação para a beleza: a possibilidade de compreender que o real *existe* – que ele é uma *presença* – e que este facto é, por si mesmo, extraordinário, incrivelmente credível, carregado de sugestiva beleza. “Por que razão existe alguma coisa em vez de nada?” é a pergunta que não é possível ignorar, e que ecoa em tantos pensadores e artistas. É partindo desta pergunta universal, da intuição de que a existência possa ser um facto bom e belo, que pode arriscar-se o passo seguinte, o da verificação da hipótese de que a realidade seja sinal de outra coisa: se as coisas existem, se o real é uma presença que me convém, que me comove, e se não fui eu que o fiz, de onde vem ele? Quem o fez para mim?

Quando a beleza é olhada assim, enquanto convite a uma descoberta, pode então aceitar-se o trabalho implicado nessa *pro-vocação*, nesse *ser-se-chamado-para* o real

como beleza, como esplendor. De facto, Sophia fala precisamente deste momento inicial como ponto de partida para uma evolução pessoal:

Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso. E se a minha poesia, tendo partido do ar, do mar e da luz, evoluiu, evoluiu sempre dentro dessa busca atenta. Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor.

Torna-se aqui claríssimo o valor analógico da beleza: o real atrai e solicita a caminhar em direcção à verificação do seu significado, da sua verdade. Quem aceita este trabalho “moral” de procurar, como diz Sophia, “a relação justa com a pedra, é levado a procurar a relação justa com o ser humano”. Educar para a beleza é, neste sentido, uma educação para a moralidade, para a busca da verdade da (e na) vida, em todos os seus âmbitos. É esta a razão pela qual a poetisa justifica o necessário empenho político, que ela testemunha de modo radical e concreto. Depois da revolução do 25 de Abril de 1974, Sophia de Mello Breyner fez o discurso intitulado “Poesia e Revolução”, onde afirmou, entre outras coisas:

Porque busca a inteireza do homem, a poesia, numa sociedade como aquela em que vivemos, é necessariamente revolucionária – é o não aceitar fundamental. [...] É a poesia que me implica, que me faz ser no estar e me faz estar no ser. É a poesia que torna inteiro o meu estar na terra. E porque é a mais funda implicação do homem no real, a poesia é necessariamente política e fundamento da política.[...] Sabemos que a vida não é uma coisa e a poesia outra. Sabemos que a política não é uma coisa e a poesia outra. Procuramos o coincidir do estar e do ser.[...] Porque propõe ao homem a verdade e a inteireza do seu estar na terra toda a poesia é revolucionária.[...]”

Neste sentido, podemos dizer que o trabalho sério levado a cabo nos lugares de beleza que são a poesia, a literatura, a arte, favorecem uma educação humana da pessoa e despertam nela o interesse pela vida inteira. Naturalmente que, não se tratando este de um processo “automático” ou “mecânico”, a sua subversão pode sempre acontecer, mas, como Sophia nos ajuda a compreender, é a falta desse juízo comparativo diante da obra que leva à recusa, implícita ou explícita, do convite que a arte faz a que se procure *a relação justa com as coisas*. Perante essa recusa, a arte pode então ser vivida como paraíso mais ou menos intelectual e utópico, como desafogo sentimental ou como pura evasão, alienação da própria vida.

O poema “Espero” fala da posição natural do coração que é a espera, a espera que a presença do real desperta em nós, anunciando que alguma coisa grandiosa “ameaça” acontecer, pode realmente acontecer:

*Espero sempre por ti o dia inteiro,
Quando na praia sobe, de cinza e oiro,
O nevoeiro
E há em todas as coisas o agoiro
De uma fantástica vinda.*

Em “Pudesse eu” a autora refere o seu desejo de responder plenamente a este convite da existência, convite esse que se desenvolve em forma de drama, de luta dentro do tecido da vida, marcada por esta tremenda desproporção entre a dimensão limitada do desejo e a constatação da nossa natureza limitada e frágil:

*Pudesse eu não ter laços nem limites
Ó vida de mil faces transbordantes
Pra poder responder aos teus convites
Suspensos na surpresa dos instantes*

Por último, vale a pena lembrar, entre tantas outras hipóteses possíveis, um excerto de “Navegações”, onde explode a intuição de que a promessa de Bem feita pela realidade é possível, será cumprida, ainda que tantas vezes nos pareça longínqua e que nos reconheçamos incapazes de sequer imaginar uma tão imensa possibilidade, quase como se caíssemos na tentação de resistir à própria atracção da Beleza:

*Ali veremos a veemência do visível
O aparecer total exposto inteiro
E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar
Era o verdadeiro*

Nada disto significa, no entanto, que o encontro com a promessa da existência nos possa tornar imediatamente disponíveis a fazer este caminho. Frequentemente, tal convite parece ficar encerrado dentro de um fascínio estetizante, ultimamente estéril, como se a beleza fosse um “lugar” ao lado da vida, aonde nos podemos dirigir de vez em quando para aliviar a tristeza que a fadiga, a desilusão ou o vazio da existência provocam em nós.

A educação para a beleza implica uma espécie de ascese, um sacrifício. Sophia refere-se claramente à possível presunção de uma felicidade sem sacrifício: “Porque se virarmos a cara ao sofrimento, a vaidade da felicidade perfeita nos levará à

monstruosidade e ao crime.” Para que as coisas se realizem, se cumpram, é necessário o sacrifício, é necessário *aceitar* o sacrifício. Também aí a arte pode ser para nós caminho, porque o artista tem um coração que mergulha numa experiência humana autêntica e oferece-a aos companheiros de viagem que somos todos nós.